




Cultura, uma oportunidade de desenvolvimento local


Anabela Freitas  
Presidente da Câmara Municipal de Tomar



  
*4 a 13 de julho 2015*  
FESTA DOS TABULEIROS





  
4 a 13 de julho 2015  
FESTA DOS TABULEIROS




A Cultura como existência simbólica de cada povo é, na minha perspetiva, o cimento próprio com que cada comunidade se vê e se insere no próprio território, seja ele real ou, cada vez mais importante nos dias de hoje, um território virtual.

Uma grande questão se coloca hoje, nas sociedades modernas, que é a de dar conta da dimensão conceptual da cultura e das potencialidades a ela ligadas, sejam no campo social, ambiental ou económico. Isso não é uma tarefa fácil, especialmente se falarmos dos territórios mistos que habitamos e nos quais nos pretendemos integrar.

Estas duas dicotomias: território real e virtual e território que habitamos e pretendemos integrar, dão-nos uma das importantes dimensões, atuais, da relevância da Cultura, como oportunidade de desenvolvimento local.



  
4 a 13 de julho 2015  
FESTA DOS TABULEIROS




Desde logo as políticas públicas, sejam no contexto local, regional, nacional ou internacional, têm merecido por parte de todos os agentes uma constante evolução, à medida que as necessidades básicas das populações vão ficando supridas e, isso torna desde logo, a cultura como imanação social e adquire ainda a sua plena perceção económica.

Segundo um investigador chileno do desenvolvimento territorial, Sérgio Boisier (2004), o desenvolvimento endógeno ou local é resultado de um intenso processo de articulação dos atores locais, a partir de um projeto político coletivo que visa o desenvolvimento do território em questão. Assim, o desenvolvimento local é visto a partir do protagonismo de seus atores, como um processo socialmente construído a partir de sua organização territorial.

Juntamos assim às dicotomias dos territórios, os seus atores, sejam eles os promotores de saber individuais, filósofos, artistas, produtores e empresários culturais, associações e grupos informais, profissionais e amadores, em atividade permanente ou inopinada.



  
4 a 13 de julho 2015  
FESTA DOS TABULEIROS



Esta interdependência e mobilização dos atores locais para um processo de desenvolvimento endógeno atribuiu uma importância às aglomerações produtivas locais, no entender de alguns teóricos brasileiros denominados arranjos produtivos locais (APL's), mas conhecidos em Portugal como AGENTES CULTURAIS, como sendo os elementos indutores para o desenvolvimento local.

Assim, de acordo com outro investigador de história económica e de políticas industriais, Wilson Suzigan (2006), as aglomerações geográficas e setoriais de empresas vêm-se crescentemente tornando objeto da implementação de políticas públicas. Adicionalmente, são encontrados diversos estudos e pesquisas na literatura, os quais tratam do desenvolvimento local a partir de redes de pequenas e médias empresas para a cooperação produtiva e a competitividade.

Assim temos, que juntar aos territórios a economia, as suas atividades produtivas e a sua criação de valor, para entendermos todo o alcance que, a percepção mais moderna de AGENTE CULTURAL, pode ter no desenvolvimento das nossas comunidades.



  
4 a 13 de julho 2015  
FESTA DOS TABULEIROS



Não há portanto, no contexto da abordagem da cultura, como fator de desenvolvimento local, como não deixar de dissecar a sua dimensão económica e a importância que as suas diferentes abordagens conduziram à criação de valor para os territórios, sendo que a partir da década de 80 do sec. XX, surgiram discussões e teorias sobre o processo de desenvolvimento com uma ênfase direcionada para as questões territoriais, em substituição as teorias baseadas nos pólos de crescimento industrial [1].

Diversas vertentes concetuais procuraram uma explicação com diferentes abordagens para este novo modelo de desenvolvimento, originando as chamadas Teorias do Desenvolvimento Económico Endógeno.

(As quais se podem sintetizar da seguinte forma, segundo uma proposta de Eduardo Costa (2010), especialista em Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional):

[1] A Teoria dos Pólos de Crescimento e Desenvolvimento foi desenvolvida por François Perroux em meados do século XX, buscando uma explicação para as razões do processo de concentração industrial por meio do papel das empresas líderes, indústrias motrizes (chaves) no desencadeamento do crescimento regional ou local (Feitosa, 2009).



*Quadro 1- Teorias do Desenvolvimento Económico Endógeno*

| <b>Corrente Teórica</b>                         | <b>Autores</b>   | <b>Principais características</b>   |
|---|--|---|
| <b>Teoria Neo-schumpeteriana</b>                | Freeman, Dosi, Nelson e Winter, Aydalot, Maillat, entre outros.<br>(década 1980) | A inovação tecnológica implica no desenvolvimento económico, considerando a importância dos spillovers (transferência) de conhecimento. Surgem os Sistemas Nacionais e Locais de <u>Inovação</u> [2]. |
| <b>Distritos Industriais Italianos</b>          | Giacomo Becattini, Robert Putnam, Hubert Schmitz, entre outros.<br>(década 1980) | Aglomerações produtivas tradicionais de pequenas e médias empresas localizadas na chamada “ <i>Terceira Itália</i> ”. <u>Valorização do território pelo conjunto social nele localizado</u> [3].      |
| <b>Teoria da Nova Geografia Económica (NGE)</b> | Paul Krugman<br>(década 1990)  | Análise económica da estrutura espacial da economia por meio de forças centrífugas e centrípetas dos locais produtivos [4].   |
| <b>Teoria da Escola de Harvard</b>              | Michael Porter<br>(década 1990)  | Teoria do Diamante. Vantagem competitiva: as concentrações geográficas de empresas (clusters) ganham importância por apresentarem vantagens competitivas locais [5].                                  |

*Fonte: Adaptado de Eduardo Costa (2010).*

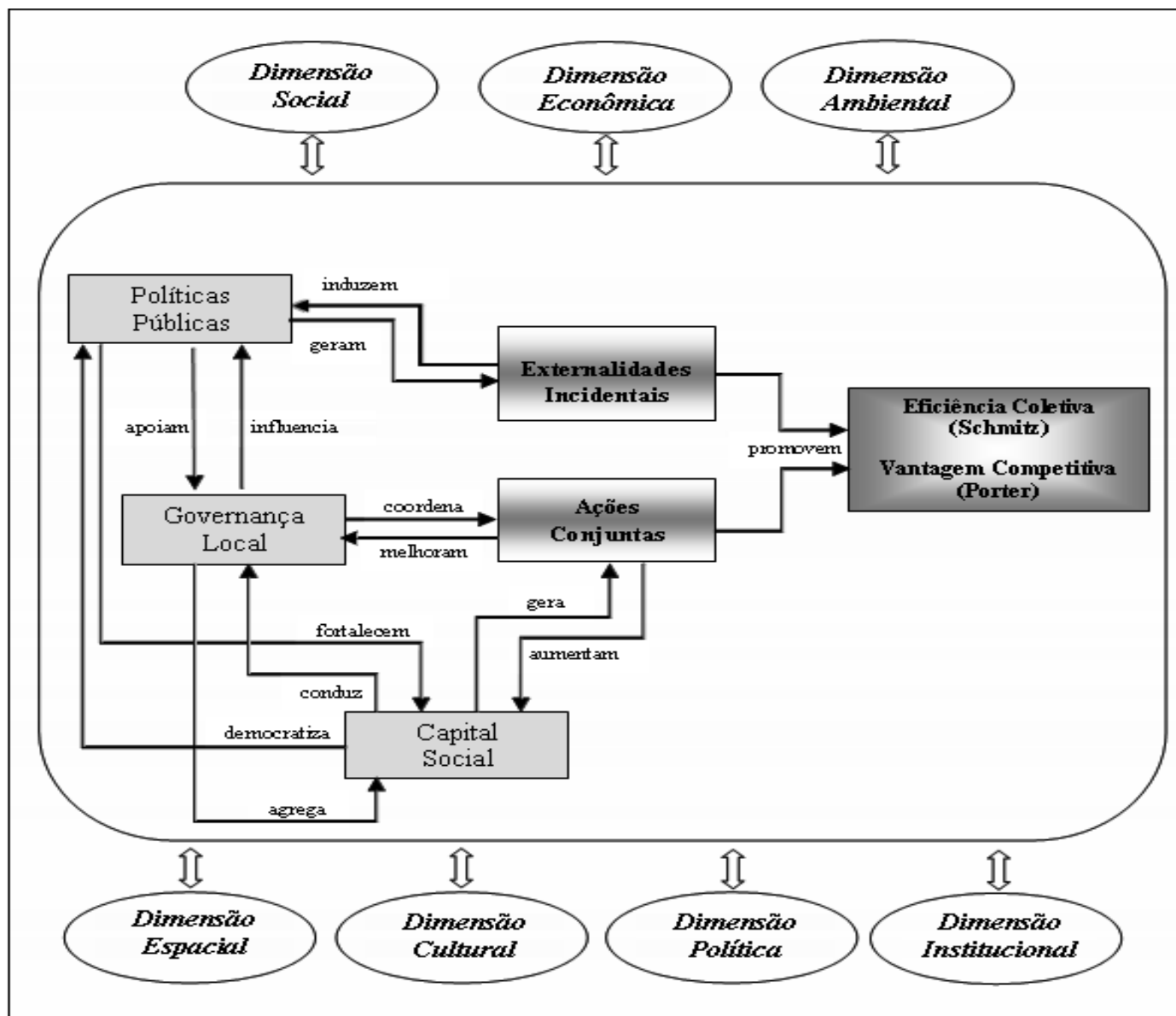


Temos, como resultado de toda esta evolução uma proliferação de diferentes termos usados para explicar este conceito: desenvolvimento regional, desenvolvimento territorial, desenvolvimento endógeno, desenvolvimento local, desenvolvimento humano, entre muitos outros.

Contudo, todo este debate apresenta algumas características comuns, e as questões territoriais constituem-se como principais norteadoras para estas discussões.

Assim, torna-se necessário explicitar o conceito de território, o qual segundo o investigador do território Marcos Júnior Marini e outros, na sua abordagem produzida pela Universidade de Barcelona, entendem que pode ser assim sintetizado: o espaço económico socialmente construído, dotado não apenas dos recursos naturais de sua geografia física, mas também da história construída pelos homens que nele habitam, através de convenções de valores e regras, de arranjos institucionais que lhes dão expressão e formas sociais de organização da produção [6].





Arranjos produtivos locais, segundo Marcos Junior Marini e outros, na REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES - Universidad de Barcelona





Não há por isso como afastar a importância de olhar os territórios e conceptualizá-los à luz das mais modernas teorias, num processo de articulação de atores locais. Assim, uma das questões chave, é a construção de estruturas locais que possam dar resposta a dois objetivos essenciais: a justiça social e o sucesso económico.

A dimensão espacial, ou do território, coloca assim inputs relevantes para entender os desafios atuais, cruzando-se com as demais dimensões, sejam elas sociais, económicas, ambientais, políticas e institucionais.

A relevância da governação local, das Freguesias e dos Municípios, únicas instâncias territoriais com legitimidade popular, que correspondem a territórios estáveis, isso no Continente ou as Regiões nas ilhas atlânticas, para a concretização do desiderato do desenvolvimento sustentável e integrado das suas comunidades aponta, de forma clara, para que competirá a estes, a aglutinação, sob determinadas condições, dos agentes locais tendo em vista a "eficiência coletiva", segundo Shmitz ou, noutra formulação de Porter, a "vantagem competitiva".



Aqui há que colocar uma grande questão. O que é afinal Cultura?

Numa formulação muito própria, Adelino Maltez, no seu recente abecedário simbiótico, desafia-nos a ver a cultura como “tudo aquilo que o Homem acrescenta ou cultiva sobre o naturalístico. [sendo também] a Herança ou o património artístico e científico de uma determinada comunidade ou sociedade. [ou ainda] Ideias, expectativas, atitudes e crenças geradas pela interação dos indivíduos sobre as suas atividades comuns. [mais tida ainda como] Uma combinação intergeracional de informação que vai além da transmissão da informação genética, comunicação que se incorpora em artefactos materiais (o património físico, como os livros, os edifícios ou as obras de arte), formas de comportamento (canções, rituais, instituições) ou sistemas de distinções (classificações, histórias, conhecimento codificado em símbolos, ideias ou crenças.” [7]



  
4 a 13 de julho 2015  
FESTA DOS TABULEIROS



Segundo este autor, com o qual concordo, “A cultura revela as respostas individuais e coletivas que são dadas às condições ambientais que desafiam o grupo, pelo que o respetivo conteúdo é continuamente sujeito a processos evolutivos”.

Mais uma vez, é a análise científica e o conhecimento escolástico, que nos afirmam aquilo que cada gestor do território, legitimado popularmente, como o é qualquer autarca, facilmente constata: a produção da cultura que cada território gera é uma imanência dele, por ele condicionado e valorado, diferenciadamente.

Torna-se assim óbvio que a oportunidade que o valor cultural das “coisas”, dos “territórios” e dos “agentes” que os enformam e produzem são diversos e, muitas das vezes, díspares. E, por último, adquirem a sua plena importância, quantas das vezes, em conflito com a relevância dada por outras “coisas”, “territórios” ou “agentes”.



  
4 a 13 de julho 2015  
FESTA DOS TABULEIROS



Descodificando:

Os territórios, os agentes, a evolução da leitura económica das sociedades, a visão moderna de cultura, constituem hoje o “mar” onde o autarca, enquanto organizador e muitas das vezes, mecenas, tem de navegar e correlacionar os desejos da sua comunidade, face aos desejos dos indivíduos e das organizações que nele atuam.

Hoje, na cultura, como noutras áreas, o desafio é mesmo, como escreveu o historiador Oliveira Martins, a propósito dos descobrimentos: “A vontade dos Homens pode sobrepujar as tendências da natureza”. Ou, dito de outra forma: sendo produtos de uma cultura (a endógena), somos também dela própria produtores.




  
4 a 13 de julho 2015  
FESTA DOS TABULEIROS



Na minha opinião equacionar hoje a cultura, como oportunidade de desenvolvimento local, mais não é do que reafirmar, à luz da vivência das nossas sociedades do sec.XXI, um objetivo essencial: promover a justiça social, a igualdade de oportunidades, na criação e no acesso aos bens culturais, sejam eles, materiais ou imateriais, sejam eles reais ou virtuais.

Aí reside também, quanto a mim, um dos nossos maiores desafios, no sentido de dar substância à oportunidade criada pela sociedade em rede: a possibilidade de levarmos cada vez mais longe, a cada vez mais pessoas, durante cada vez mais tempo, a produção endógena do nosso território, ganhando vantagem competitiva deste face aos demais, sempre na perspectiva de dar valoração económica ao mesmo, dentro da visão que sendo escassos os recursos, limitados que o são por definição, a aposta que é feita deve responder simultaneamente a duas questões base de todo o desenvolvimento: servir quem é ator/agente/produtor e quem é assistente/consumidor/turista.



  
4 a 13 de julho 2015  
FESTA DOS TABULEIROS




Sei, pela experiência adquirida noutras áreas, que esta formulação não é a formulação usual. Nem tão pouco é ela própria isenta de colocação em perspetiva de conceitos tão divergente como sejam: a valorização dos territórios (ou da sua competição) e a construção de uma sociedade com maior justiça social (sem retirar recursos essenciais à sua promoção, para ocorrer à salvaguarda dos bens patrimoniais e/ou culturais).

Ontem, como hoje, sempre os decisores públicos se colocaram perante o terrível dilema de saber o que decidir, quando decidir e porquê decidir.

Tenho para mim, e com esta ideia termino, que de nada vale, como diria Churchill lutar, se não o for por valores e pela civilização de que somos parte. Senão o que nos diferencia dos outros?

Fiquemos portanto, para o debate, com todas estas provocações.



  
*4 a 13 de julho 2015*  
FESTA DOS TABULEIROS



Obrigado